

## Do saber acadêmico ao saber escolar: a construção de uma fanzine para uso pedagógico em tempos de negacionismo histórico

*From academic knowledge to school knowledge: the construction of a fanzine for pedagogical use in times of historical negationism*

Laura Pereira Marques,<sup>1</sup> USFM

Maria Eduarda Finger,<sup>2</sup> USFM

Yasmin Favaron,<sup>3</sup> USFM

### Resumo

O presente trabalho discorre acerca da construção de uma fanzine para utilização como material didático para o ensino de história, com objetivo de ser uma ferramenta no combate ao negacionismo histórico. A proposta aborda a temática dos sistemas econômicos que estiveram em confronto durante a segunda metade do século XX (comunismo e capitalismo). A fanzine foi construída a partir das obras dos teóricos Karl Marx e Friedrich Engels, bem como da obra de Afrânio Mendes Catani. O "saber acadêmico" produzido pelos autores, passou pelo processo de didatização afim de torná-lo um "saber escolar", orientado e fundamentado teoricamente pelo trabalho de Ana Maria Monteiro (2009), bem como pela pelas concepções de aprendizagens em História de Circe Maria Fernandes Bittencourt (2005).

**Palavras-chave:** Ensino de História; Negacionismo; Fanzine; Material Didático.

### Abstract

This paper discusses the construction of a fanzine to be used as didactic material for teaching history, aiming to serve as a tool in combating historical negationism. The proposal addresses the theme of the economic systems that were in conflict during the second half of the 20th century (communism and capitalism). The fanzine was constructed based on the works of theorists Karl Marx and Friedrich Engels, as well as Afrânio Mendes Catani's work. The "academic knowledge" produced by the authors underwent a didacticization process to transform it into "school knowledge", theoretically guided and grounded by the work of Ana Maria Monteiro (2009), as well as the conceptions of learning in History by Circe Maria Fernandes Bittencourt (2005).

**Keywords:** History Teaching; Negationism; Fanzine; Teaching Material.

### Introdução

Nosso trabalho consiste na apresentação do processo de construção de uma fanzine como proposta de material didático para ensino de História e como ferramenta para o combate ao negacionismo histórico emergente em nossos dias. Essa produção didática está vinculada

---

<sup>1</sup> Graduanda em História – Licenciatura pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: pmarqueslaura@gmail.com.

<sup>2</sup> Graduanda em História – Licenciatura pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: mariaeduardafinger19@gmail.com.

<sup>3</sup> Graduanda em História – Licenciatura pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) E-mail: yafavaron@gmail.com.

às práticas desenvolvidas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Federal de Santa Maria, na Escola Estadual de Ensino Médio Professora Naura Teixeira Pinheiro, na cidade de Santa Maria/RS, durante a pandemia de COVID-19.

Cabe, primeiramente, definir o que é Ensino de História e quais são seus objetivos. Segundo Luis Fernando Cerri (1999), o ensino de História surge como um dos desdobramentos da história no século XIX. Assim como qualquer outro objeto, possui historicidade e sofreu diversas alterações de definições, objetivos e epistemologias ao longo dos anos. O autor define que a prática da história é o trabalho de traduzi-la e de conduzi-la de um grupo restrito de especialistas para o grande público; desta forma, o ensino de história configura-se como uma das principais maneiras de realizar esta tradução.

No caso específico da tradução via ensino de história, seus principais objetivos são a construção da consciência histórica, a determinação e a constituição de um povo e de uma sociedade, bem como a construção da percepção de si e dos outros na sociedade (Cerri, 1999). Com o desenvolvimento deste material didático, nosso principal objetivo é a fomentação da consciência histórica, a qual Jörn Rüsen define - a partir da tradução de Maria Auxiliadora Schmidt, Isabel Barca e Estevão de Rezende Martins (2011) - como

[...] uma categoria geral que não apenas tem relação com o aprendizado e o ensino de história, mas cobre todas as formas de pensamento histórico; através dela se experiencia o passado e se o interpreta como história (Rüsen, 2011, p. 36).

Através dos métodos tradicionais de ensino, onde os estudantes podem receber de maneira passiva os conteúdos e reproduzir uma carga de informações orquestradas pelo professor, o conhecimento se torna algo mecânico, a ser apenas reproduzido. A fim de romper com essa hierarquização de saberes, faz-se necessária uma renovação do ensino, que recai sobre questões metodológicas. Nesse sentido, a utilização de fanzines apresenta-se um recurso didático, cujo objetivo é compartilhar com alunos da educação básica o conhecimento construído na academia, de forma lúdica e interativa, de modo a dialogar com as fontes utilizadas. Demonstrando para os alunos como e por quem o conhecimento é construído, retirando o discente da posição de mero receptor de informações e instigando-o a criticidade. Desta forma, o conhecimento histórico é construído em conjunto com o alunado.

Além disso, em meio ao cenário mundial de crescimento do negacionismo científico, algumas temáticas tornam-se tópicos sensíveis e difíceis de serem abordados por professores em sala de aula. Desse modo, temos também como objetivo, proporcionar um instrumento

para o combate ao negacionismo histórico no que tange às ideias de “capitalismo” e “comunismo”, temáticas preferenciais dos negacionistas no contexto brasileiro; proporcionando aos estudantes um material que os auxilie a pensar de maneira embasada cientificamente, aproximando-os do conhecimento científico e produzindo conhecimento histórico escolar.

A fanzine intitulada *Capitalismo e comunismo, você sabe a diferença?* procura, através do processo de didatização<sup>4</sup> tornar o “saber acadêmico”<sup>5</sup> um “saber escolar”.<sup>6</sup> Apresentando de maneira mais acessível conceitos muitas vezes restritos aos ambientes universitários, tais como o de “mais-valia” e “classes”, a fim de desmistificar e romper algumas concepções falaciosas emergentes nesse contexto de negacionismo científico em que vivemos. Com isso, buscamos aproximar os alunos do conhecimento científico e afastá-los do senso comum.

Para tanto, a fanzine foi construída a partir de perguntas, algumas elaboradas a partir do imaginário popular e do senso comum, a fim de instigar os discentes, como “o que é comunismo?” “quem forma a classe trabalhadora?”, como “no comunismo não se pode ter coisas?” “ditadura comunista no Brasil?”. Para chamar a atenção dos alunos e compor a linguagem da fanzine, foram também utilizadas imagens que ilustram o texto.

### **A produção acadêmica acerca da construção de materiais didáticos: uma breve análise**

A elaboração de materiais didáticos para o ensino de História é amplamente discutida por diversos autores, que enfatizam a necessidade de superar abordagens tradicionais e priorizar métodos que promovam a construção do conhecimento. Cristine Fortes Lia, Jéssica Pereira da Costa e Katani Maria Nascimento Monteiro (2013) argumentam que os materiais devem ir além de simples ilustrações e servir como ferramentas para o desenvolvimento do pensamento histórico. Verena Alberti (2012), complementa essa perspectiva ao destacar o uso de fontes primárias, analisadas criticamente em seu contexto histórico, como essencial para garantir rigor e profundidade no ensino. Alberti, também aponta para o potencial das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) na elaboração de materiais digitais que fomentem a pesquisa e a autonomia dos alunos.

A incorporação de metodologias ativas, como o uso de jogos, é outra abordagem valorizada. Mariana F. da C. Thompson Flores (2020), defende que os jogos tornam o

---

<sup>4</sup> Parte do processo de mediação do saber acadêmico e das práticas sociais que constitui o saber escolar junto das escolhas axiológicas.

<sup>5</sup> Conhecimento científico produzido na academia, uma das referências do saber escolar.

<sup>6</sup> Saber com configuração própria e original da cultura escolar (Monteiro, 2007).

aprendizado mais prazeroso e acessível, especialmente em escolas públicas. Segundo a autora, além de engajar os alunos, os jogos permitem a adaptação para diferentes níveis de ensino e promovem a experimentação em sala de aula. Carmen Margarida Oliveira Alveal e colaboradores (2017), reforçam a importância de alinhar teoria e prática na produção de materiais que valorizem a história local, suprimindo a escassez de recursos didáticos adaptados às diversas realidades culturais brasileiras.

Por fim, autores como Nadia Gaiofatto Gonçalves (2009), Lilian Lúcia Chamarelli Rodrigues e Andréa Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho Rossi (2006), destacam a importância de formar professores capacitados e críticos, capazes de contextualizar conteúdos históricos de maneira reflexiva. Enquanto Gonçalves propõe a criação de dossiês temáticos para estimular o pensamento histórico, Chamarelli e Rossi sugerem o uso de fontes primárias organizadas em fichas contextualizadas. Assim, o ensino de História se torna um espaço de formação de cidadãos conscientes e críticos, em constante diálogo com os desafios da sociedade contemporânea.

Foi a partir destas reflexões, acerca da construção e da utilização de materiais didáticos alternativos e diversos, que elaboramos um material didático não convencional: uma fanzine. Esta, por sua vez, voltada para o tema dos sistemas político-econômicos que fazem parte dos conteúdos da Guerra Fria.

### **As fanzines como material didático**

Para compreender o potencial das fanzines como material didático para o Ensino de História, faz-se necessário contextualizar o que é esse material e qual a sua historicidade. As fanzines são muito mais do que imaginamos. Hoje em dia, muitos autores - sejam eles amadores ou profissionais - produzem suas próprias revistas com arte, com quadrinhos ou poesias; ou com textos sobre ficção científica, música, entre outras temáticas - esses autores são chamados de fanzineiros. Muitas dessas publicações misturam artigos com expressões artísticas. Outro aspecto importante das fanzines é que elas são caracterizadas pela informalidade em sua produção, pela independência das informações apresentadas, pela originalidade de pesquisa nos textos, e pela grande variedade de formatos e designs gráficos (Andraus, 2016).

Segundo Aurea Suely Zavan (2004), as fanzines se popularizaram no Brasil a partir dos anos 1960, assumindo uma posição contrária às grandes editoras, em um momento em que os quadrinhos americanos invadiram a cena brasileira e abafaram produções nacionais:

Nossa investigação nos permitiu evidenciar que o fanzine, assim como outros dispositivos marginais, desvela, além de um posicionamento do autor em relação à estrutura que controla e manipula, os meios de (re)produção cultural, uma situação paratópica plurivalente, evidenciada tanto pela paratopia da posição do escritor, do lugar do enunciador, quanto marcada pelo investimento na marginalidade do próprio dispositivo (Zavam, 2006, p. 25).

Desta forma, compreendemos que a fanzine é um movimento marginal e paratópico, no sentido de não possuir lugar próprio. Mostra-se como uma alternativa de resistência, já que é um material de baixo custo que pode ser criado por qualquer um. Ela se coloca, então, como uma alternativa para a distribuição da arte por músicos, poetas, quadrinistas ou qualquer um que se disponha a explorar este formato.

[...] buscam, através da divulgação de suas obras, romper o silêncio a que estariam submetidos não fosse a inquietude que faz desses sujeitos anônimos, à margem do processo produtivo e dos lugares instituídos (e permitidos) de manifestação artística, verdadeiros representantes, impertinentes dos processos pelos quais o homem (re)significa a si mesmo e o mundo em que está inserido e (inter)age por meio da linguagem, das possibilidades de discurso, mesmo que na contramão do que é esperado e consentido (Zavam, 2006, p.2).

De acordo com Gazy Andraus, a criação de uma fanzine é uma oportunidade para compartilhar suas paixões, pensamentos e pesquisas com outras pessoas em meios não tradicionais de publicação acadêmica ou didática. Além disso, a fanzine é uma plataforma onde você pode interagir com outras pessoas e ampliar suas conexões sociais, já que não tem como objetivo o lucro, mas sim a troca de ideias e a disseminação de informações pessoais e autorais. Em resumo, a fanzine é um espaço rico em diversidade, onde você pode criar e compartilhar livremente, seja através de textos, imagens ou outros formatos (Andraus, 2016).

Tendo em vista sua configuração, seu potencial transformador e acessível, compreendemos que as fanzines possam ser elaboradas e utilizadas também como um material didático lúdico para trabalhar as mais diversas temáticas, incluindo aquelas que se encaixam no ensino de História. Como essa fanzine foi criada em meio a pandemia do COVID-19, momento permeado por discursos políticos, revisionismos, negacionismos, e também descaso com todas as ciências, entendemos seu formato como uma oportunidade de trabalhar conceitos latentes do conteúdo de Guerra Fria: o capitalismo e o comunismo.

A Guerra Fria foi um período tenso e complexo da História do século XX, que se estendeu aproximadamente de 1947 a 1991, marcada pela rivalidade ideológica, política e econômica entre Estados Unidos e União Soviética. Ao trabalhar este conteúdo com os

alunos, se faz necessário discorrer sobre um assunto delicado e cercado de estigmas: os sistemas socioeconômicos capitalista e comunista. Para abordar a temática dos modelos políticos em confronto no século XX, foram utilizadas como referência as obras dos teóricos Karl Marx e Friedrich Engels (2008; 1982), bem como o trabalho de Afrânio Mendes Catani (2011) a respeito do capitalismo. Os conhecimentos produzidos pelos autores, notadamente “saberes acadêmicos”, em conjunto as “práticas sociais de referência”, passaram pelo processo de didatização, permeado por opções axiológicas, a fim de torná-los acessíveis e compreensíveis para os adolescentes, assim tornando-os “saberes escolares”.

Ana Maria Monteiro, faz uso do conceito de “saber escolar”, como um saber com configuração própria e original da cultura escolar. Abrindo espaço, deste modo, para superação de noções que identificam nesse tipo de conhecimento simplificações, banalizações ou distorções do conhecimento científico originário da academia (Monteiro, p. 83, 2009). De acordo com a autora, a constituição desse “saber escolar” se dá necessariamente através dos processos de didatização e axiologização,<sup>7</sup> que são por sua vez inerentes ao trabalho educativo.

Na fanzine produzida por nós, os conteúdos não foram despersonalizados como ocorre geralmente no processo de transposição didática debatido por Yves Chevallard (1991). Muito pelo contrário, os conceitos e as ideias estão devidamente referenciados e contextualizados a seus autores, que são, antes de mais nada, apresentados nas primeiras páginas da fanzine. Fizemos essa escolha, numa tentativa de aproximar os alunos da produção do conhecimento científico, majoritariamente restrito ao ambiente acadêmico. A fim de valorizar o caráter relativo e parcial do conhecimento histórico, bem como seu aspecto subjetivo. Afinal, segundo Monteiro (2009), “[...] a objetividade considerada como oposição entre sujeito cognoscente e objeto cognoscível é impossível na História, como aliás, nas demais Ciências Humanas”.

Porém, a relatividade do conhecimento histórico não faz com que ele perca sua legitimidade e seu caráter de verdade, segundo o historiador francês Antoine Prost (apud Monteiro, 2009, p. 83)

A História diz a verdade, mas suas verdades não são absolutas, são relativas e parciais, e isto por duas razões fundamentais e solitárias. De um lado, os objetos da História estão sempre inseridos em contextos, e tudo que o historiador diz está relacionado a estes contextos. Por outro lado, os objetos em História são sempre construídos a partir de um ponto de vista que é também histórico.

---

<sup>7</sup> Seleção cultural dos conteúdos e da forma de apresentá-los que expressa valores (Monteiro, 2007).

Na fanzine, há também a mediação de conceitos como “classes” e “mais-valia”, além de “comunismo” e “capitalismo”. Segundo Bittencourt (2005), o conhecimento histórico escolar produz-se por intermédio da aquisição de conceitos, bem como de informações e valores. Para a autora, os conceitos são necessários para tornar o objeto histórico inteligível. Além disso, “o importante, na aprendizagem conceitual, é que sejam estabelecidas as relações entre o que o aluno já sabe e o que é proposto externamente [...]” (Bittencourt, 2005, p. 189). Desse modo, a última página da fanzine foi construída a partir de convenções do senso comum a respeito do comunismo, desmistificando as mentiras e afirmando as verdades que envolvem o conceito.

De modo geral, a fanzine foi construída através de perguntas para introduzir os assuntos, com o objetivo de interagir com o discente, a fim de estimular sua curiosidade e criticidade. Também optamos por utilizar uma linguagem mais informal, com objetivo de aproximar os alunos do objeto. Por fim, foram utilizadas na construção do material imagens para ilustrar a parte escrita, bem como pequenas charges que retratam as discussões levantadas. Compondo, assim, uma comunicação multimodal, onde texto e imagem constroem significado. O gênero fanzine é caracterizado por essa multissemiose, o que o torna um material rico e atrativo.

Para a confecção deste material, foram necessárias longas semanas de trabalho. Começamos fazendo a seleção da bibliografia base e referência de nosso trabalho. Escolhemos trabalhar com os escritos dos teóricos comunistas Karl Marx e Friedrich Engels, *Manifesto do Partido Comunista* (1848) e *Princípios Básicos do Comunismo* (1847). Nessas obras, os autores discorrem sobre os sistemas político-econômicos que são o objeto da nossa fanzine. Para complementar o trabalho, também usamos como referência *O que é Capitalismo* (1980) do sociólogo brasileiro Afrânio Mendes Catani. Após o levantamento bibliográfico, foram realizadas as devidas leituras e fichamentos de forma conjunta pelas autoras, a fim de socializar e debater as ideias frutos desse processo. Foi então que definimos o que consideramos pertinente e importante abordar em nosso material, quais conceitos eram relevantes, quais discussões eram necessárias levantar. Decidimos também, que o material iria introduzir os conteúdos através de perguntas, na tentativa de despertar a curiosidade e envolver os alunos.

A partir disso, nos concentramos na mediação do conteúdo, nos atentando aos aspectos didáticos descritos anteriormente, orientados e fundamentados pelas obras de Ana Maria Monteiro (2009) e Circe Maria Fernandes Bittencourt (2005). Depois de concluirmos toda

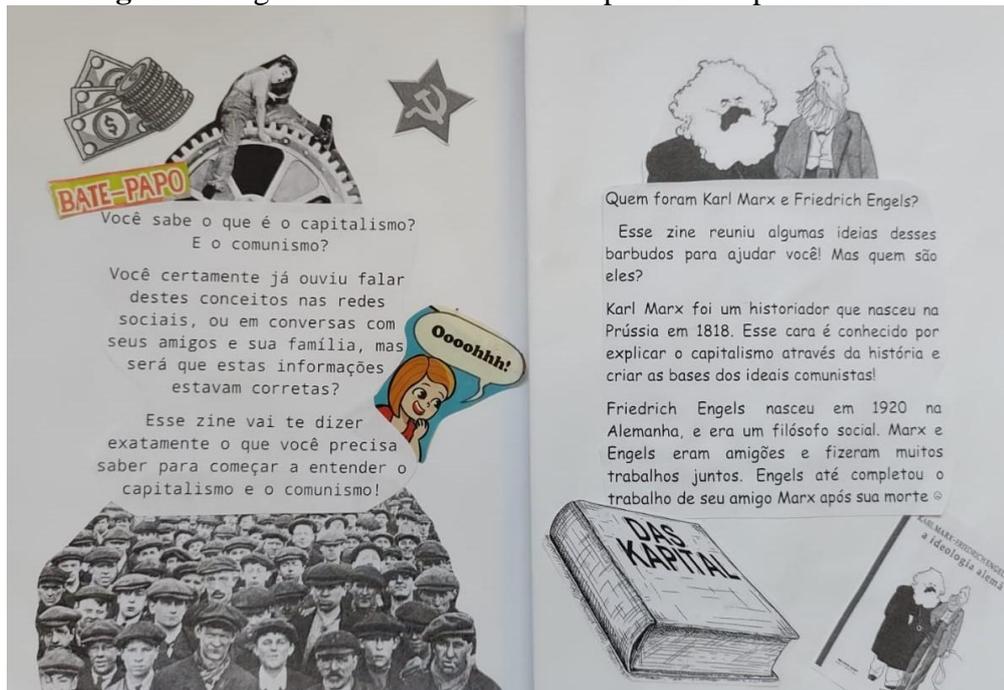
parte teórica do material, começamos a busca das imagens que iriam ilustrar nosso trabalho. Recorremos à internet e a revistas que tínhamos à nossa disposição. Seleccionamos desenhos e charges que consideramos dialogar com a parte escrita de nosso material e após isso, imprimimos e cortamos uma a uma. Por fim, a melhor parte, a hora em que a imaginação e a criatividade conduziram a montagem da fanzine. Abaixo, nas figuras numeradas de 1 a 7, imagens do material completo.

**Figura 1:** imagem da capa da fanzine produzida pelas autoras.



Fonte: Finger, 2024.

**Figura 2:** Páginas um e dois da fanzine produzidas pelas autoras.



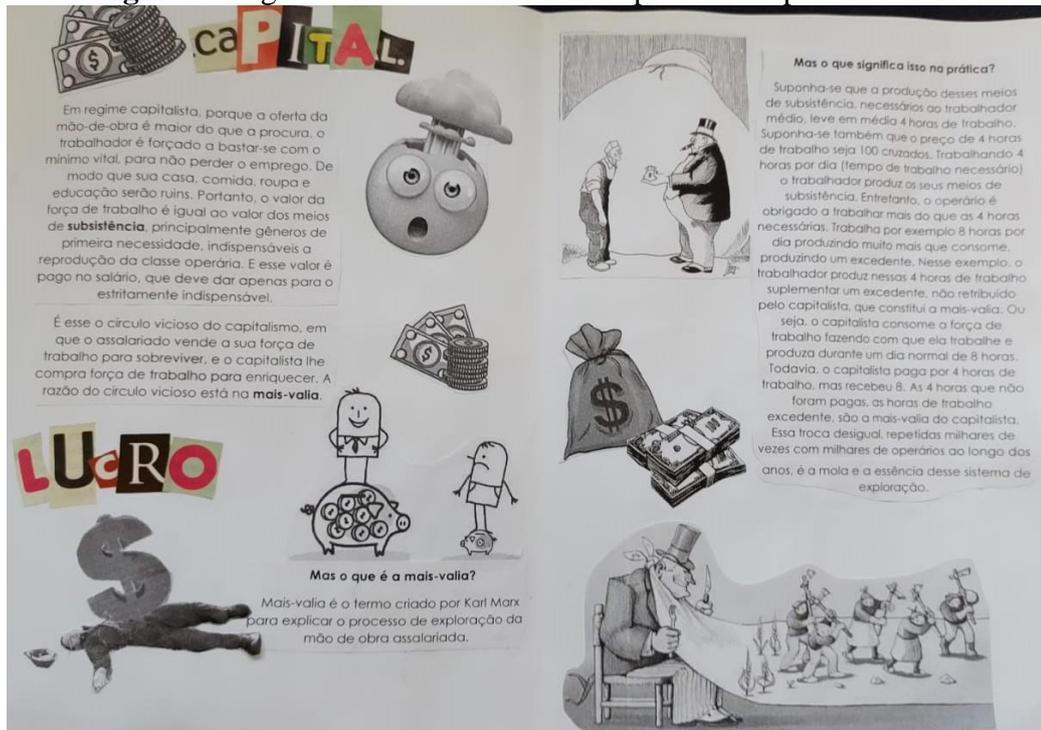
Fonte: Finger, 2024.

**Figura 3:** Páginas três e quatro da fanzine produzidas pelas autoras.



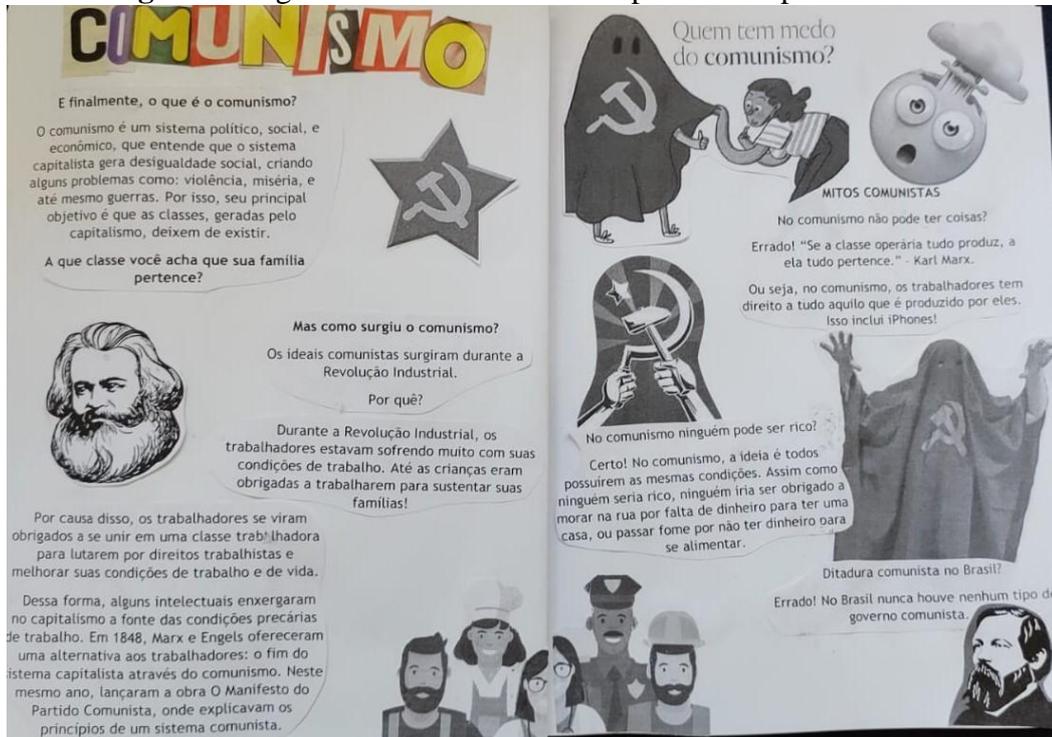
Fonte: Finger, 2024.

**Figura 4:** Páginas cinco e seis da fanzine produzidas pelas autoras.



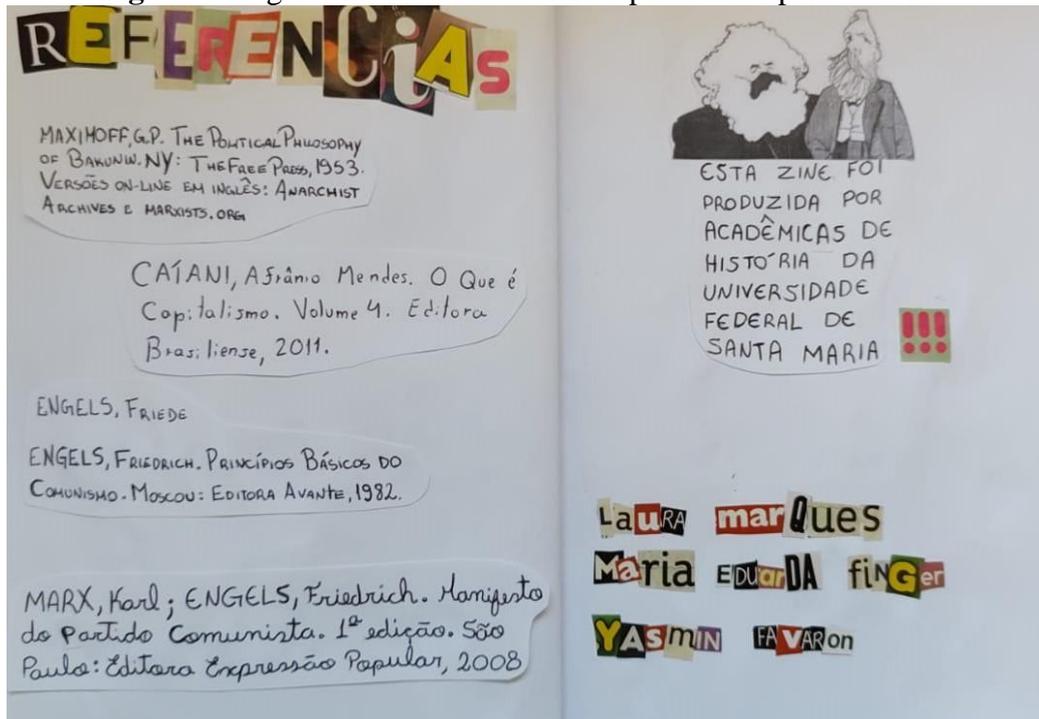
Fonte: Finger, 2024.

**Figura 5:** Páginas sete e oito da fanzine produzidas pelas autoras.



Fonte: Finger, 2024.

Figura 6: Páginas nove e dez da fanzine produzidas pelas autoras.



Fonte: Finger, 2024.

Figura 7: imagem da contracapa da fanzine produzida pelas autoras.



Fonte: Finger, 2024.

Gostaríamos de destacar, que durante nossas pesquisas sobre a produção de materiais didáticos para o ensino de História, buscando orientações de como elaborar materiais didáticos, constatamos serem as produções majoritariamente voltadas para o caso de livros didáticos, tanto no portal de teses e dissertações da CAPES, bem como no Scientific Electronic Library Online (SciELO). Compreendemos, desta forma, que o uso de recursos didáticos no ensino de História ainda se restringe em muitos momentos apenas ao uso tradicional dos livros didáticos. Assim, consideramos que há ainda muito a ser explorado no campo de produção de recursos didáticos, para além dos livros. Nesse sentido, a fanzine se apresenta como um recurso didático alternativo, entre vários outros possíveis de serem pensados e executados.

### **As fanzines como ferramenta para o combate ao negacionismo histórico**

Em seu artigo *Negacionismo histórico e o neoliberalismo à brasileira*, Vargas (2021), aponta que até a pandemia de COVID-19, os negacionismos não pareciam ter grande efeito sobre a realidade, concentrando-se majoritariamente no mundo das ideias. Ainda que discordemos em partes dessa noção, temos acordo quanto ao fato de que, como o autor aponta, as ideias anticientíficas durante o período de pandemia passaram a reger o comportamento de grande parte da população mundial. No caso do Brasil, orientando até mesmo as políticas públicas do governo federal, representado pelo, na época presidente da república, Jair Messias Bolsonaro. Foi neste cenário, de intensificação do negacionismo científico, atrelado ao negacionismo histórico, em que produzimos nossa proposta de fanzine.

Intitulamos a fanzine de *Capitalismo e Comunismo, você sabe a diferença?*, pois temos como um dos objetivos dessa construção, auxiliar no combate ao negacionismo histórico. A fim de fazer com que os e as estudantes pensem de maneira crítica e embasada historicamente acerca de uma questão amplamente debatida na atualidade, que são os conceitos de capitalismo e comunismo. Estes, muitas vezes discutidos sem qualquer argumentação científica. Essas duas temáticas têm sido algumas das preferidas dos negacionistas do Brasil.

A fim de enfrentarmos o negacionismo histórico brasileiro dentro das salas de aula, faz-se necessário entendermos como este funciona:

[...] O negacionismo é um fenômeno no campo das ideias, e, particularmente, o negacionismo histórico observado recentemente no Brasil é um fenômeno que se insere em um contexto histórico peculiar e suas ideias derivam-se da ideologia do “marxismo cultural” e da apropriação de

aspectos anticientifistas encontrados em autores da Escola Austríaca. (Vargas, 2021, p. 16).

Para seguirmos com a discussão, é necessário tanto conceituarmos o que entendemos por negacionismo quanto destrincharmos o conceito de “marxismo cultural” utilizado por Vargas, e também aqui por nós. Entendemos por negacionismo aqui, a conceituação de Oliveira (2020), que pontua que o negacionismo tem um ponto de partida ideológico, e tem como objetivo distorcer e/ou ocultar o passado de acordo com o interesse de determinados grupos. A autora ainda coloca o conceito em contraposição ao conceito de revisionismo, sobre o qual aponta que é uma prática essencial dentro do debate historiográfico, pois se além a métodos científicos aceitos e cria novos objetos de pesquisa.

Dessa forma, afirmamos que esse negacionismo conceituado por Sonia Maria Soares Oliveira (2020) e utilizado aqui por nós, é um fenômeno que se insere no contexto da propagação da ideologia do “marxismo cultural”, citado por Vargas (2021). Como o próprio autor discorre, o “marxismo cultural”, é uma teoria da conspiração pensada pela direita estadunidense durante o período da Guerra Fria, ainda que o termo só tenha sido popularizado no país na década de 1990.

A ideia de marxismo cultural passou a ser utilizada pelas direitas ao redor de todo o mundo, agrupando diversos pensadores com ideias distintas entre si - como Marx, Lenin, autores da Escola de Frankfurt, autores pós-modernos, etc - em uma mesma categoria de marxistas; a fim de reunir em uma frente única as principais abordagens contrárias ao capitalismo. Dessa forma, no discurso da direita, os marxistas culturais tem como objetivo destruir a cultura ocidental como a conhecemos, contribuindo assim, com essa narrativa, para desqualificar a intelectualidade de esquerda. “No Brasil essa teoria da conspiração teve como principal estruturador e divulgador Olavo de Carvalho [...]” (Vargas, 2021, p. 7).

Em meio a este cenário mundial e nacional, torna-se cada vez mais difícil a abordagem de certas temáticas componentes do currículo da disciplina de História, como a abordada em nossa fanzine: os sistemas políticos capitalista e comunista. Como Oliveira (2020) reflete em seu artigo, “*Saberes, ensino e formação do professor de História em tempos de negacionismo: para onde caminhamos?*”, em meio ao turbulento processo político que culminou na crise da democracia brasileira - desde o início do processo de *impeachment* da presidente eleita Dilma Rousseff até o governo do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro - se faz necessária a reflexão acerca do ofício dos professores de História e a perseguição e intimidação sofrida por estes ao abordarem certas temáticas, as quais, como aponta a autora, são validadas cientificamente, mas não atendem aos interesses dos grupos no poder durante os últimos anos.

Diante de um cenário de intensificação da ideologia neoliberal, - que tem como objetivo inibir debates acerca de posições políticas contrárias às suas, afirmando “doutrinação pela agenda do marxismo cultural” por parte dos docentes de História e respaldados e ampliados pela mídia e pelas redes sociais - tópicos com respaldo científico são apontados como não-debatíveis. A partir disso, o questionamento é: como realizar nossos papéis docentes ao discutirmos tais tópicos?

Se cabe a nós, professoras e professores, compreendermos o momento histórico em que vivemos e buscarmos por soluções para o combate ao negacionismo histórico, acreditamos que isso pode ser realizado de maneira mais eficiente se o fizermos de forma com que os nossos estudantes tenham interesse sobre as temáticas apresentadas. Se conseguirmos este interesse talvez por um breve momento, quem sabe os discentes possam criticar os preconceitos trazidos consigo por ambientes fora dos muros escolares - sejam estes construídos através das redes sociais, dos ambientes familiares ou da mídia de forma geral.

A partir disso, acreditamos que a produção de materiais didáticos lúdicos e instigantes seja uma alternativa interessante para tratar das principais temáticas atingidas pelo negacionismo histórico. É com esse fim que nossa proposta da produção dessa fanzine se insere: mediando conteúdos científicos de forma democrática e interativa, a fim de desmistificar o senso comum e evitar a propagação de abordagens falaciosas e sem embasamento científico. Dessa forma, a fanzine pode servir de auxílio no trabalho de ensino-aprendizagem, uma vez que é um material didático versátil.

Tendo em vista que, assim como o próprio ensino de história, um material didático não pode sanar nenhum tipo de questão por si só, o principal objetivo deste material é oferecer aos estudantes um instrumento que discorre sobre esta temática bastante debatida na atualidade de forma científica e didática, a fim de estimular o senso crítico e a construção da consciência histórica. Dessa forma, esperamos que a utilização de nosso material didático, possa auxiliar na formação de cidadãos críticos e preparados para lidar com o intenso fluxo de informações de um mundo globalizado, no qual as ideias fundamentadoras do negacionismo histórico se propagam de forma rápida e fácil.

### **Considerações finais**

Este trabalho foi uma reflexão acerca da experiência e do processo de construirmos um material didático alternativo para o ensino de História, que seja lúdico, democrático e que instigue os e as estudantes a debater e compreender uma temática atualmente sensacionalizada

- os blocos econômicos que entraram em conflito durante a Guerra Fria - partindo de conhecimento científico e desvincilhando-se do senso comum.

Espera-se, que o uso da presente produção didática se apresente como uma alternativa metodológica, que rompa com a hierarquização dos saberes, aproximando dinamicamente o aluno do objeto de estudo, transpassando a transferência do conhecimento como possibilidade fixa do professor. Além disso, espera-se, que esta fanzine possa contribuir para a formação de alunos críticos, em uma tentativa de romper com o saber escolar exilado de suas origens, aproximando os estudantes da construção do conhecimento.

Por fim, tendo em vista o atual contexto histórico, - a consolidação da ideologia neoliberal que embasa e legitima o negacionismo histórico - acreditamos que este material didático possa servir de auxílio a professores e professoras ao debater acerca dos conteúdos que abrangem os sistemas socioeconômicos e suas diferenças, temática que vem sendo um dos principais focos das disputas pelo passado nas redes sociais, nas mídias eletrônicas e em ambientes de debates informais.

### **Referências Bibliográficas**

ALBERTI, Verena. **Proposta de material didático para a história das relações étnico-raciais**. *Revista História Hoje*, v. 1, n. 1, jun. 2012.

ALVEAL, Carmen Margarida Oliveira; FAGUNDES, José Evangelista; ROCHA, Raimundo Nonato Araújo da (orgs.). **Reflexões sobre história local e produção de material didático**. Natal: EDUFRN, 2017.

ANDRAUS, Gazy. A independente escrita-imagética caótico-organizacional dos fanzines: para uma leitura/feitura autoral criativa e pluriforme. **Anais do 17º Congresso de Leitura do Brasil**. Campinas, 2009.

BARIN, Cláudia Smaniotto; BASTOS, Giséli Duarte; MARSHALL, Débora. **A elaboração de material didático em ambientes virtuais de ensino-aprendizagem: o desafio da transposição didática**. *CINTED-UFRGS – Novas Tecnologias na Educação*, Porto Alegre, v. 11, n. 1, jul. 2013.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

CATANI, Afrânio Mendes. **O que é Capitalismo**. 1º edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 2011.

CERRI, Luis Fernando. **Os objetivos do ensino de História**. *História & Ensino*, Londrina, v. 5, p. 137-146, out. 1999.

CHEVALLARD, Yves. **La Transposición Didáctica: del saber sabio al saber enseñado**. La Pensée Sauvage. Argentina, 1991.

ENGELS, Friedrich. **Princípios Básicos do Comunismo**. Moscou: Editora Avante, 1982.

FLORES, Mariana F. da C. Thompson (org.). **Cartas, tabuleiros e cartelas [recurso eletrônico]: os jogos no ensino e aprendizagem de história**. Santa Maria, RS: FACOS, UFSM, 2020. 1 e-book: il.

FORQUIN, Jean-Claude. Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. **Revista Em Aberto**, v. 12, n. 58. 1993.

GONÇALVES, Nadia Gaiofatto. Produção de material didático para o ensino de História: uma experiência de formação. **Revista Diálogo Educativo**, Curitiba, v. 11, n. 34, p. 933-949, set./dez. 2011.

LIA, Cristine Fortes; COSTA, Jéssica Pereira da; MONTEIRO, Katani Maria Nascimento. A produção de material didático para o ensino de História. **Revista Latino-Americana de História**, São Leopoldo, v. 2, n. 6, ago. 2013. Edição Especial.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008.

MONTEIRO, Ana Maria F.C. **Professores de história: entre saberes e práticas**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Mauad X, 2009.

OLIVEIRA, Sonia Maria Soares. Saberes, ensino e formação do professor de história em tempos de negacionismo: pra onde caminhamos? **Anais VII CONEDU – Edição Online**. Campina Grande, 2020.

RODRIGUES, Lilian Lúcia Chamarelli; ROSSI, Andréa Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho. **Produção de material didático para o ensino de História Antiga**. *Núcleos de Ensino On-Line*, n. 1, p.2006.

RÜSEN, Jörn. **Jörn Rüsen e o ensino de História**. Organização: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende. Curitiba: Editora UFPR, 2011.

VARGAS, Neide Cesar. Negacionismo histórico e neoliberalismo à brasileira. **Anais do XXVI Encontro Nacional de Economia Política**. Goiânia, 2021.

ZAVAM, Aurea Suely. Fanzine: A Plurivalência Paratópica. **Revista Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão, v. 6, n. 1, jul./dez. 2006. p. 9 – 28.